

a gazeta

editorial | 2

"O Infantil não é a infância, embora ela contribua para aquele em grande parte. Ele é, antes, aquilo que, do passado, não passa"

MARIA BEATRIZ TUCHTENHAGEN

perspectivas | 4

"[...] o que temos é a possibilidade de nos manter acesos, ligados, plugados em sintonia de vida, mesmo que à distância.

SIMONE ACCETTA GROFF

agenda | 5

digressões | 6

Um tesouro bem aplicado!

CAMILA LUVISA

O que você espera de mim?

BEATRIZ CAMARGO

biblioteca | 8

O lugar do gênero em psicanálise

RAQUEL MORENO GARCIA

O infantil na psicanálise

GABRIELA SEBEN

14

editorial

a gazeta

Número 14
Setembro de 2021
Distribuição Gratuita

Editora

Kenia Ballvé Behr

Equipe de Redação

Clarissa Salle de Carvalho

Gabriela Seben

Kenia Ballvé Behr

Mariana Lütz Biazzi

Projeto Gráfico

Guilherme Mautone

Diagramação

Carlos Tiburski

Impressão

Ideograf (POA - RS)

Periodicidade

Trimestral

Tiragem

81 exemplares

Composição

Tipografia Chaparral Pro.

Capa em Couché com

revestimento em Prolan

Fosco. Miolo em Off-Set.

CONSTRUCTO
instituição psicanalítica

CNPJ 04.4792660001-10

Rua Quintino Bocaiúva, 1373, 01.
Bairro Rio Branco, POA, RS.

www.constructo.com.br
comunicacao@constructo.com.br
constructo@constructo.com.br

51 3343 3364

51 98119 1944

Todos os direitos reservados

Psicanálise Infantil e Psicanálise do Infantil

Nesse ano o Núcleo de Psicanálise de Crianças da Constructo realizou sua primeira Jornada de Infantil. Foi um momento extremamente significativo para todas nós, afinal foi por onde tudo começou: psicanálise infantil/psicanálise do infantil.

A expressão do infantil remete aos tempos iniciais, constitutivos do psiquismo. Tempos de inscrição da sexualidade e dos grandes movimentos pulsionais, movimentos estruturantes de um aparelho psíquico capaz de processar, metabolizar e transformar em constelações desejantes a relação com o semelhante. O que não implica então, infantil ser referente só à infância, à psicanálise infantil ou com crianças, mas do infantil que opera em todos nós, sujeitos de inconsciente, que tem nos tempos de infância seus movimentos de estruturação desde as origens.

Freud em 1916 diz que “o inconsciente da vida psíquica é o infantil”. Frase que aponta, como coloca Jacques André, a relação que Freud já estabelecia entre o núcleo do inconsciente de cada um de nós e as experiências primitivas de cada ser humano, enfatizando que algo deste sentimento primordial permanece na noção de infantil relacionada ao inconsciente e que este carrega a marca deste infantilismo. “O Infantil não é a infância, embora ela contribua para aquele em grande parte. Ele é, antes, aquilo que, do passado, não passa”, nos diz Jacques André em 2017.

Sabemos, desde os inícios dos estudos de Freud, que a infância se coloca como condição fundamental da psicanálise, como a base causal dos males da vida e do sofrimento psíquico. No processo de construção de sua teoria, através de suas observações clínicas e dos relatos de suas históricas, Freud vem a perceber a importância dos fatores sexuais da infância na causação das neuroses.

Silvia Bleichmar assinala que o infantil em psicanálise é definido em relação ao originário, por isso se faz fundamental cercar estes tempos de estruturação desde os inícios da vida. Pensar um sujeito em estruturação, no qual o inconsciente não está desde as origens, mas se constitui na relação intersubjetiva com o outro adulto em tempos reais e históricos, um tempo do originário, tempo dos grandes movimentos pulsionais e da organização dos destinos desta sexualidade, implica entender a infância como um tempo de fundação, como propõe Silvia, quando o aparelho psíquico está aberto a novas ressignificações e em vias de transformações e complexizações.

O trabalho com crianças se faz tão rico e fundamental, justamente por conta de ser a infância o tempo onde vão se dar as vivências que formarão parte do infantil do adulto amanhã, de modo que uma intervenção psicanalítica nestes tempos de estruturação, quando algo não vai bem, pode fazer toda diferença no destino deste pequeno sujeito.

por Maria Beatriz Tuchtenhagen



Foi por acreditar nesta possibilidade, somada ao desejo de ajudar a aliviar o sofrimento psíquico das crianças, que fui em busca de subsídios teóricos e técnicos para fundamentar meu trabalho na clínica com crianças, pois os estudos realizados até então não respondiam às inquietações que a clínica apresentava e convocava. Foi quando fui apresentada não só ao pensamento, mas à própria Silvia Bleichmar, psicanalista argentina, que na época vinha a Porto Alegre ministrar seminários. Sua clareza e riqueza de pensamento ao trazer uma psicanálise viva me encantou. A maneira como Silvia propunha a compreensão e o entendimento metapsicológico dos fenômenos clínicos e a forma de abordá-los confirmavam mais ainda o interesse e o desejo em aprofundar o conhecimento sobre suas concepções teóricas e clínicas no trabalho com crianças.

Silvia apresentava uma prática com a qual fui me identificando. Uma prática que não se limitava a encontrar o existente, mas que buscava novos modos de organização e de simbolização do psiquismo com intuito de diminuir a dor e o sofrimento psíquico. Lembro dela chamando a atenção sobre a importância de saber fazer o que se está fazendo e do porquê se está fazendo dessa ou daquela maneira.

Assim reuniu-se um grupo de psicanalistas de crianças, entre as quais eu, Luciana Kroeff e Elisabeth Guarnier, que queria dar continuidade no projeto de estudos em psicanálise infantil com Silvia. Este grupo junta-se a Kenia Ballvé Behr e a outras colegas, Raquel Moreno Garcia, Simone Accetta Groff e Sonia Piva, que compartilhavam dos mesmos interesses e do amor pela psicanálise. Esta nossa psicanálise. E, assim, armamos a Constructo.

Com os estudos com Silvia vieram,

também, os estudos de Laplanche, que foram um marco divisor na minha clínica. Não só na prática com crianças, mas com adultos também, uma vez que falamos de sedução originária materna, de tempos de implantação do sexual desligado, traumático, e das vicissitudes tomadas por esse sexual a partir dos cuidados do semelhante.

Essa forma de pensar a constituição da tópica psíquica – o inconsciente não se constitui num só ato, mas se forma aos poucos, por inscrições, por marcas, onde uma nova inscrição vai ressignificar, dar sentido a outra, possibilitando que aquilo que não pode integrar-se em um primeiro momento possa ir sofrendo simbolizações a posteriori – amplia as possibilidades de abordagem na clínica.

Silvia chega com um “novo-velho” modo de pensar, gerando novas aberturas e impasses no trabalho com crianças e com pacientes graves, pacientes com falhas na sua constituição psíquica. E, de um modo geral, por que não dizer grandes contribuições para psicanálise contemporânea, uma vez que falamos em tempos de estruturação do sujeito psíquico? Assim, pensar na infância e no infantil se faz fundamental não só para a psicanálise de crianças mas, também, para a psicanálise de adultos.

A psicanálise de crianças sempre esteve presente na trajetória da nossa Instituição. Com o passar do tempo, outras colegas foram realizando a formação de infantil na Constructo, surgindo assim a necessidade de organizarmos um espaço mais específico e formal para o estudo, a transmissão, e a produção científica no campo da psicanálise infantil, desde a metapsicologia proposta por Silvia Bleichmar, por conta dos desafios que essa tarefa nos impõe e da necessidade cada vez

maior de se pensar as questões referentes à clínica e à psicopatologia infantil. Dessa forma o Núcleo de Psicanálise de crianças nasceu, oficialmente, em dezembro de 2017 e conta atualmente com a participação das colegas Rosistela Arruda, Camila Luvisa e Betina Ferronato, que vieram somar-se a nós nesta tarefa.

A questão da definição da origem do inconsciente sempre foi polêmica na história da psicanálise de crianças. Basta ver o grande embate estabelecido entre Anna Freud e Melanie Klein no Simpósio de 1927. A grande questão que se colocava era se as crianças poderiam ser analisadas ou não. As crianças seriam capazes de estabelecer transferências? E isso implica pensar qual é o objeto na clínica de crianças.

Desde esse ponto estabelece-se toda uma problemática que se abre em duas grandes linhas de pensamento após Freud. Por um lado, nos confrontamos com a escola kleiniana, que parte de uma concepção inata do inconsciente, fantasias originárias. E, por outro lado, com o estruturalismo liderado por Lacan, que propõe a criança como desejo do outro, trazendo uma ideia revolucionária a respeito do inconsciente à medida que propõe este como fundado, produzido a partir da inclusão do sujeito nas relações estruturantes no marco da estrutura edípica, porém despoja o inconsciente da criança de sua singularidade. Ambas as abordagens apresentam uma proposta metapsicológica e uma forma de abordar e entender o objeto diferente.

Com sua proposta metapsicológica, Silvia busca definir os movimentos de constituição do inconsciente e da tópica psíquica – teoria das origens, partindo da concepção que o inconsciente não está desde os inícios da vida, mas que é produto da relação se-

xualizante com o outro humano e do recalçamento originário. Pensando desde essa perspectiva abre-se a possibilidade desse inconsciente ainda não ter se estruturado, vindo a se constituir ou terminar de se constituir. De modo que pensar um sujeito em estruturação amplia as possibilidades de intervenção na prática clínica com crianças, por esta se dar nos tempos em que os movimentos de constituição do aparelho psíquico estão acontecendo.

Portanto compreender a infância nos modos propostos possibilita que

o sexual possa surgir e se fazer presente no espaço analítico, competindo ao analista rastrear os caminhos que este sexual foi encontrando desde os cuidados do outro adulto, na função de humanização. Desta forma Silvia propõe a “cura na infância” como sendo uma “intervenção analítica”, que implica uma operação simbolizante que abre novas vias de simbolização para este sexual, buscando terminar de constituir a tópica através da recomposição dos sistemas psíquicos.

Assim, para o exercício de uma

prática responsável e ética como psicanalistas de crianças, temos que ter presente a preocupação com a diminuição do sofrimento psíquico e o comprometimento com o desenvolvimento futuro da criança. Por isso que quanto mais cedo puder se precisar um diagnóstico metapsicológico e uma definição do objeto que se quer transformar, maior as possibilidades de uma estratégia terapêutica adequada e uma intervenção mais eficaz, de modo a não se perder os preciosos anos da infância.

perspectivas

por Simone Accetta Groff



Palavra da Presidente

O ano de 2021 iniciou no modo remoto, a exemplo de 2020, e embora sentindo a falta do encontro tête à tête, nesse momento estamos mais preparados para a modalidade não presencial. A pandemia, afinal, ainda não foi totalmente superada. Adaptações realizadas, seguimos com os seminários da Formação, com os Núcleos de: Psicanálise com crianças, Adolescência, Sexo e Gênero, e o Seminário Avançado de Jean Laplanche, todos crescendo e produzindo pensamento.

As atividades Científicas capitaneadas pelas já aclamadas Terças Psi, receberam incremento de muitos convidados, pensadores, psicanalistas. Tivemos a bela Jornada do Núcleo de Psicanálise com Crianças e, ainda, Conferências de extrema riqueza com psicanalistas renomados como Diana Tabacof, Facundo Blestcher, Thamy Ayouch, Marina Calvo e Florencia Almagro.

As atividades internas, coordenadas pelas nossas pratas da casa, também

acrescentaram inestimável valor para a superação de mais esse ano difícil, como o Curso de Psicanálise com Crianças e os Grupos de Estudos para estudantes.

O segundo semestre promete mais atividades científicas de excelência, iniciando por nossa Jornada Anual com Catherine Chabert. Já temos a confirmação da psicanalista Marta Rezende Cardoso em atividade do Núcleo de adolescência, e por certo muitas outras ricas atividades estão por vir... temos tempo ainda!

Concomitante aos movimentos do científico, que tanto nos abastece, estamos em momento de importante crescimento da instituição com o estímulo que vem sendo dado à progressão de associados à ocupação de outros espaços de participação. Pensamos ser fundamental alavancar essa mudança de lugar dos associados, uma vez que a mudança, a transformação, são essenciais para nosso crescimento e para a consolidação de nossa posição como instituição que faz a transmis-

são e o ensino da psicanálise - psicanálise essa que é por natureza - transformadora e rebelde a toda fixidez.

Temos a expectativa do reencontro presencial, o desejo de uma confraternização de final de ano, mas enquanto isso ainda não é possível, o que temos é a possibilidade de nos manter acesos, ligados, plugados em sintonia de vida, mesmo que à distância, buscando nos abastecer de trocas e falas investidas de curiosidade e afeto. As atividades científicas, os cursos, as jornadas, organizados com tanto esmero, são nossas vias colaterais para seguir descobrindo, criando, pensando a psicanálise e incrementando laços afetivos, nos colocando mais próximos nesses momentos de compartilhamento. São as falas cheias de entusiasmo e generosidade, o compartilhar de conhecimento e de experiência, que abastecem nosso motor vital, sendo como uma usina de ideias e afetos para seguir criando, inventando, e transformando a cada novo encontro.

agenda

Cronograma de atividades científicas 2021

SETEMBRO

11.09 - Curso de Psicanálise

com Crianças (3º encontro)

13.09 - Segundas Psicanalíticas

28.09 - Terças Psicanalíticas

OUTUBRO

16.10 - Curso de Psicanálise

com Crianças (4º encontro)

26.10 - Terça Psicanalítica

30.10 - Atividade Científica com

Marta Resende Cardoso (Núcleo
da Puberdade e Adolescência)

NOVEMBRO

08.11 - Segundas Psicanalíticas

30.11 - Terças Psicanalíticas

DEZEMBRO

Lançamento da Gazeta nº 15

Seminários 2021

› **METAPSICOLOGIA PÓS FREUDIANA IV - CHRISTOPHER DEJOURS**

Coordenação: Kenia Ballvé Behr

Segundas, das 19h30 às 21 horas

› **METAPSICOLOGIA FREUDIANA II**

Coordenação: Tatiane França

Terças, das 14 às 15h30

› **TEORIA DA TÉCNICA**

Coordenação: Raquel Moreno Garcia

Terças, das 17h30 às 19 horas

› **METAPSICOLOGIA PÓS FREUDIANA II**

Coordenação: Luciana Pavão Kroeft

Terças, das 17h30 às 19 horas

› **SEMINÁRIO AVANÇADO JEAN LAPLANCHE**

Coordenação: Kenia Ballvé Behr

Quartas, das 9h30 às 11 horas

› **SEMINÁRIO CLÍNICO**

Coordenação: Simone Accetta Groff

Quartas, das 10h30 às 12 horas

› **METAPSICOLOGIA FREUDIANA III**

Coordenação: Maria Beatriz Tuchenhagen

Quartas, das 14 às 15h30

› **PSICOPATOLOGIA III**

Coordenação: Kenia Ballvé Behr

Quartas, das 14 às 15h30

› **PSICOPATOLOGIA II**

Coordenação: Beatriz Camargo dos Santos

Quartas, das 15h45 às 17h15

› **METAPSICOLOGIA PÓS FREUDIANA III**

Coordenação: Elisabeth Guarnier

Quartas, das 15h45 às 17h15

› **METAPSICOLOGIA FREUDIANA I**

Coordenação: Jocitacler Bolsoni

Quintas, das 19h30 às 21 horas

› **GRUPO DE ESTUDOS: PULSÃO**

Coordenação: Beatriz Camargo dos Santos

Sábados, das 10 às 11h30

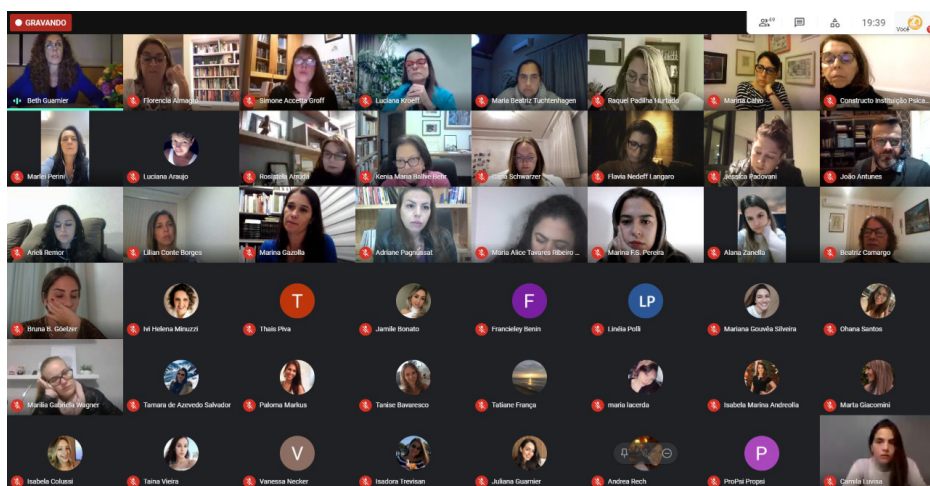
digressões

por Camila Luvisa



Um tesouro bem aplicado!

Na aurora da Constructo ficou bem posta a psicanálise de criança. Ela nasceu pelas mãos e pelo coração de analistas que se inquietavam com a ciência teórico-clínica que praticavam e que, além de preservarem a inquietude, desta vez com o que atualmente se apresenta para os desenvolvimentos emocionais dos pequenos, seguem desde os inícios dotadas de uma inesgotável disposição em investigar e compreender aquilo que é próprio desse campo. Por meio do Núcleo de Psicanálise de Criança, Elisabeth Guarnier, Luciana Pavão Kroeft e Maria Beatriz Tuchtenhagen (coordenadora), vêm transformando seu interesse em um espaço vivo de estudo e de desenvolvimento de atividades que, comunicam um olhar comprometido com o pensamento teórico de Silvia Bleichmar, sobre a infância e o sofrimento que habita os pueris analisantes, àqueles que se sentem instigados a examinar este momento inicial da vida, em seu grande potencial na determinação do futuro na experiência humana. Desde dezembro de 2017, eu me encontrei entusiasmada em compor o grupo junto com essas vanguardistas e também na companhia prazerosa de duas outras colegas psicanalistas da instituição, Betina Ferronato e Rosistela Cesarotto de Arruda. Formulamos, assim, com muito zelo, o projeto da primeira Jornada do Núcleo de Psicanálise de Criança da Constructo e desfrutamos da felicidade de realizá-la nos dias 14 e 15 de maio de 2021 com a seguinte proposição: *Psicopatologia Psicanalítica Infantil: um campo em movimento*. Além da satisfação do encontro para o diálogo, que se deu de forma interessante e afetiva com mui-



tos colegas que prestigiaram o evento de diversos lugares em um espaço virtual, contamos com o privilégio da presença das psicanalistas argentinas convidadas: María Florencia Almagro e Marina Calvo. Ambas trouxeram falas precisas e complexas para contribuir a respeito do tema. A atividade abriu com uma provocação: quais seriam as razões para uma revisão da psicopatologia psicanalítica infantil? O debate se estabeleceu, a partir da interrogação, com as ideias propostas pelas psicanalistas da casa (Beth, Lu e Bia) e também pelas concepções das queridas convidadas. Todas, através de seu próprio prisma, tocaram na necessidade ética particular diante do trabalho clínico com crianças, de se construir o entendimento dos eixos psicopatológicos que existem e são fundamentados em princípios metapsicológicos desde uma teoria exógena das origens do psiquismo. Ainda, referiram essa necessidade baseada na noção da heterogenia das correntes psíquicas com seus circuitos pulsionais, que ao serem reconhecidas orientarão as formas de se intervir em direção ao processo metabólico daquilo que fracassou. Tal di-

recionamento cria a possibilidade de simbolização na vida anímica do sujeito em estruturação - a criança. Pois esta possui um destino longo na sua história no tempo e tem direito a esse tratamento ético referido e pretendido. Cada fala que se seguiu teve a sua virtude teórica específica: percorremos as questões dos transtornos precoces do desenvolvimento (autismo e psicoses), os movimentos de estruturação egóica e os processos identificatórios. Também pensamos novas perspectivas à neurose na infância. Em comum a todas as mesas, houve a manifestação da energia que se produz em encontros de desejo, o que me fez lembrar de Freud ao citar Goethe "aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o, para fazê-lo teu". Pensei, assim, na indicação da via constituinte aberta por ele, revisitada por Silvia e trilhada hoje por nós. Veio-me à mente o Projeto do Núcleo como uma oportunidade de tornar tal herança produtiva, no resguardo da subjetividade das crianças enquanto analista e enquanto sujeitos sociais. Que o tesouro seja bem aplicado! E que se multiplique cada vez mais em outras boas jornadas!

por Beatriz Camargo



O que você espera de mim?



A Jornada anual da Constructo aconteceu entre os dias 13 e 14 de agosto, propondo como título norteador *O que você espera de mim? Destinos do encontro analítico*.

Conceitos fundamentais na clínica analítica foram discutidos com maestria pelas convidadas que, a partir de suas reflexões, possibilitaram enlaçar os enigmas do paciente à implicação do analista: jogo sempre presente e atual entre a transferência e a contratransferência.

No primeiro dia, as psicanalistas da Constructo, Simone Accetta Groff e Kenia Ballvé Behr trouxeram suas reflexões possibilitando uma rica discussão com o público presente da qual saliento algumas questões.

Simone Groff, através de uma reflexão profunda e teoricamente impecável, trouxe reflexões sobre a transferência e sobre a transferência paradoxal na clínica contemporânea e seus reflexos no tratamento de pacientes

graves, além de abordar a questão da posição do analista frente à contratransferência, e a forma como os aspectos contratransferenciais podem interferir na “aventura analítica”.

Na sequência, Kenia Behr nos brindou com suas idéias, partindo do conceito de *inspiração*, assim como proposto por Jean Laplanche, e trabalhando-o em sua relação com a transferência de transferência e com a transcendência da transferência, enriquecendo a discussão a partir da compreensão de um caso apresentado e abrindo novas possibilidades para pensarmos a articulação desse conceito com os dispositivos da clínica psicanalítica.

No segundo dia, a convidada especial, psicanalista Catherine Chabert, em dois trabalhos apresentados, nos conduziu pela história transferencial de duas pacientes, costurando a partir dessas histórias e de sua própria contratransferência, desde os momentos iniciais dos tratamentos, as “esperan-

ças” de cada uma, paciente e analista, as idealizações, desidealizações, frustrações, sucessos e dúvidas inevitavelmente presentes nesse percurso. Com sensibilidade e generosidade, pode nos trazer suas próprias inquietações, que são as inquietações pelas quais todos os analistas passamos nessa jornada, na qual - segundo Chabert nos propõe pensar - o fogo não pode se apagar. E não se apaga, segundo ela, porque é alimentado pela contratransferência em cada momento da análise; é alimentado pela relação do analista com a análise e por sua paixão pela teoria, sustentáculos de seu trabalho.

Dois dias de muito pensar e trabalhar a clínica em seus fundamentos, articulando conceitos, aprofundando conhecimentos, identificando pontos a serem melhor trabalhados por cada um de nós no dia-a-dia da relação com os pacientes, formas de continuar mantendo sempre acesa a *chama analítica*.

biblioteca

por Raquel Moreno García



O lugar do gênero em psicanálise – metapsicologia, identidade, novas formas de subjetivação



Uma produção científica necessária para os espaços teóricos e clínicos da psicanálise, sobre este lugar de conceito metapsicológico do gênero que subsidie a compreensão das manifestações das sexualidades contemporâneas.

Felippe, em seu percorrido de estudioso e pesquisador, se aproxima da psicanálise pelos estudos feministas, e em sua aguçada percepção adverte ao retardo da psicanálise, com anos luz de distância das discussões sobre os estudos de gênero, identificando as lacunas preenchidas por perspectivas essencialistas, falocentristas do pensamento psicanalítico. Em suas peculiares palavras: “fui empolgando..”.

O autor propõe uma retomada de temáticas fundamentais, com ajustes conceituais, como identificação, feminilidade, transexualidade, passividade e alteridade. Desenvolvimentos suportados nas teorizações sobre a situação antropológica fundamental de Laplanche, segundo Felipe, de longe, fonte de substrato para a metapsicologia do gênero.

O autor também contempla-nos com contribuições originais quando adverte a fenômenos como o que denomina de “historicismo ingênuo” com sua força sobre os modos de produção de subjetividades. Assim como o “devenir-mulher”, enquanto via possível de primazias múltiplas nos processos de identificação e subjetivação.

Felippe Lattanzio oferta uma produção implicada em assegurar o lugar central do gênero em psicanálise, acompanhar as subjetividades de nossos tempos, uma psicanálise aberta à história e ao devir.

Ano: 2021 Editora: Blucher Autor: Felipe Figueiredo Lattanzio

O menino que carregava água na peneira

Manoel de Barros ("Exercícios de ser criança" - 1999)



por Gabriela Seben



O infantil na psicanálise - Memória e temporalidade 2ª edição



Publicado mais de vinte anos após a sua primeira edição, o livro de Bernardo Tanis busca restabelecer a vigência teórico-clínica deste conceito tão fundamental à Psicanálise que é o de infantil. O infantil no sentido psicanalítico resulta de marcas originárias de vivências precoces que se inscrevem no incipiente psiquismo e que ao longo da vida se combinam com outras experiências, eventualmente traumáticas, que sofrerão algum destino na vida psíquica do sujeito e aparecerão no decorrer do processo analítico. A análise, portanto, irá tornar presente este infantil, que será reencenado em transferência. Este trabalho, que originalmente foi apresentado como dissertação de mestrado no programa de Pós Graduação de Psicologia Clínica da PUC-SP, visa a uma reflexão sobre a posição do infantil na teoria psicanalítica, não apenas em relação à constituição do sujeito, mas também como modo de funcionamento do inconsciente.

A noção de infantil tomada enquanto núcleo da subjetividade é, neste livro, resgatada em Freud e ampliada. Tanis utiliza como principal referencial a obra de Jean Laplanche, por considerar a extensão de sua obra e por ser um dos autores e comentadores mais profundos em Freud.

Editora: Blucher **Autor:** Bernardo Tanis

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo
que catar espinhos na água.
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces
de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falava que vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.

Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.

A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!

A Gazeta é uma publicação trimestral da **Constructo Instituição Psicanalítica** cujo objetivo principal é ampliar o acesso à informação de qualidade para seus associados e alunos. **A Gazeta** é um veículo comunicativo híbrido, que mescla discussões teóricas a informações mais pontuais. Entre em contato conosco através do e-mail **comunicacao@constructo.com.br** para submeter algum tipo de contribuição para o nosso próximo número.



CONSTRUCTO
instituição psicanalítica